

Chacina em Roraima

Índios Yanomami atacam o garimpo. Matam 8 e ferem 47

Boa Vista, (AE) — “Eles eram tantos que pensei não escapar dessa”, disse ontem em Boa Vista o garimpeiro Manoel Ribeiro, um mineiro que há três anos arrisca a vida no interior de Roraima à procura de ouro. Ele é um dos sobreviventes do ataque dos índios Yanomamis, na manhã de sábado, quando pelo menos oito pessoas morreram e 47 ficaram feridas. Como o ataque foi feito em vários pontos da região onde os garimpeiros estavam acampados. A Funai e a Polícia Federal ainda não sabem o número exato das vítimas. Ontem a FAB começou a transportar pessoal para a área um levantamento completo da situação.

Manoel, que levou um tiro nas costas, conta que no dia 12 os garimpeiros espalhados na serra Couto de Magalhães foram visitados por alguns índios, que começaram a levar suas armas. Como vivem em pequenos grupos, um longe do outro, os garimpeiros não reagiram e deixaram que os Yanomamis levassem as espingardas, usadas para a caça. Mas os índios, de acordo com Manoel, prometeram voltar no sábado para desarmar outros garimpeiros.

Localizada a cerca de 200 quilômetros

de Boa Vista, a Oeste de Roraima, a serra Couto de Magalhães é de difícil acesso, mas mesmo assim tem atraído muitos garimpeiros, por causa da ocorrência de ouro. Ultimamente, por volta de 15 deles estão na serra, embora a Polícia Federal já tenha retirado alguns a pedido da Funai, já que a área é habitada pelos Yanomamis. Manoel Conta que índios e garimpeiros vinham tendo uma convivência pacífica e que alguns Yanomamis da região do posto indígena Paapiu também garimpavam com eles, trocando ouro por comida e ferramentas na cantina. Mas no meio da semana, os índios começaram a ficar inquietos, até que resolveram desarmar os garimpeiros.

Manoel conta ainda que, em razão da ameaça feita pelos índios, de que voltariam no sábado com mais gente, os garimpeiros resolveram pedir reforços e concentraram cerca de 50 homens no acampamento maior. Por volta das 10 horas, cinco índios aproximaram-se e pediram que eles entregassem as armas. Mas não contavam com a reação e no tiroteio, quatro índios foram mortos e um conseguiu fugir, mesmo ferido.

Quando pensavam que tudo estava resolvido, os garimpeiros foram cercados por mais de 200 índios, que estavam escondidos na mata, muitos deles armados com as espingardas recolhidas no dia 12.

Manoel ressalta que os índios começaram a perseguir os garimpeiros, que tentavam fugir. Ele conta que recebeu um tiro nas costas — sem muita gravidade — e conseguiu esconder-se, sorte que não teve seu companheiro Everto Abreu de Souza, que caiu morto. No domingo à noite começaram a chegar a Boa Vista os primeiros mortos e feridos e ontem à noite mais dois aviões da FAB estavam voltando da serra trazendo outras vítimas. O clima continua tenso na região e a Polícia Federal, o Exército e a Polícia Militar enviaram contingentes para o local, a fim de evitar novos confrontos. Por enquanto, as informações continuam imprecisas e, em razão do isolamento da área, ainda não se sabe ao certo as proporções do incidente. Somente hoje cedo as autoridades esperam ter dados mais claros sobre os conflitos. Mas no Instituto Médico Legal, em Boa Vista, ontem, havia cinco corpos: quatro índios e o garimpeiro Averno.